

Sobrevalorização? E daí?

Diante das turbulências financeiras de outubro e novembro, parece óbvio que aumentou a munição oposicionista para a campanha eleitoral do próximo ano. A política econômica de Fernando Henrique Cardoso tornou-se criticável por ter vendido ao País uma imagem de solidez que não existia, e porque obrigou o governo a desacelerar a economia. Uma análise mais detalhada, porém, mostra que criticar a administração do Plano Real é complicado também para quem ataca.

O "leitmotif" da crítica à equipe econômica de FHC é que os seus integrantes deixaram o real ficar sobrevalorizado. Uma boa resposta da equipe poderia ser: "E daí?". Sem dúvida, é arrogante, mas encerra uma certa dose de pragmatismo. Uma vez constatada a bomba-relógio do câmbio valorizado, há duas perguntas cruciais: 1) O que fazer?; 2) Será que alguém pode fazê-lo melhor que o atual governo? É diante destas questões que a exploração da crise pela oposição se torna mais complicada.

Defender a desvalorização, por exemplo, é extremamente perigoso para a esquerda. O caso da recuperação mexicana a partir da crise de 1994/95 é um exemplo clássico de reequilíbrio do balanço de pagamentos com desvalorização. Uma série de coisas "boas para o mercado" aconteceu no México desde então: as contas externas foram equilibradas, o déficit público foi quase eliminado, o câmbio flutuante (mais na moda) funciona bem e as exportações explodiram.

O problema é que todos

aqueles avanços foram feitos em cima de um drástico arrocho salarial, ou do "ajuste dos preços relativos", segundo os economistas. Resumindo a ópera, transferiu-se renda dos assalariados para os capitalistas exportadores, e o México pôde se inserir de novo no mundo globalizado.

Se aquela receita não é exatamente o que se espera de uma plataforma de esquerda, talvez ela seja mais palatável para o eleitorado de direita. O deputado Delfim Netto (PPB/SP) é um orgânico defensor do setor empresarial exportador, e, em decorrência, um grande inimigo do câmbio valorizado. Seria mesquinharia atribuir a posição de Delfim a interesses escusos. Como prova o caso mexicano, a desvalorização não é o fim do mundo, e pode levar no médio prazo a um crescimento mais rápido e mais sustentável. Mas, ainda assim, fica a pergunta: dá para defender politicamente o ajuste em cima do salário real?

Saídas mais moderadas para a oposição seriam a de defender minidesvalorizações mais aceleradas, ou maior pressa nas reformas constitucionais. O problema aí (que pode afetar Ciro Gomes) é que fica tudo tão próximo do que o próprio governo está falando (ou pensando), que será difícil distinguir FHC dos seus oponentes.

Talvez a melhor saída seja mesmo a da oposição argentina: união de forças, defesa da estabilidade, compromisso de administrá-la tão bem ou melhor que o próprio governo, e fogo centrado nos defeitos de FHC – que não estão necessariamente no âmbito do Plano Real.